

Sinfonia da Liberdade

17.º Curso de Formação de Animadores Musicais
Projecto Reviver
Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro
Pete Letanka e Paul Griffiths direcção musical

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música
Dmitri Sinkovsky direcção musical

28 Abr 2023 · Sala Suggia

ANO ALEMANHA



casa da música

MECENAS SERVIÇO EDUCATIVO

APOIO INSTITUCIONAL

Sonae

Porto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

17.º Curso de Formação de Animadores Musicais

Projecto Reviver

Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro

Pete Letanka e Paul Griffiths direcção musical

Criação colectiva

V (2023; c.40min)

2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Dmitri Sinkovsky direcção musical

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 5 em Dó menor, op. 67 (1808; c.35min)

1. Allegro con brio
2. Andante con moto
3. Allegro —
4. Allegro

V

V é uma nova composição criada de forma colaborativa por estudantes do 17.º Curso de Formação de Animadores Musicais e comunidades — Projecto Reviver (Câmara Municipal de Matosinhos e Unidade Local de Saúde de Matosinhos) e Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro (Santa Casa da Misericórdia da Maia), sob a orientação de Pete Letanka e Paul Griffiths, do Reino Unido. Com inspiração na Quinta Sinfonia de Beethoven, o colectivo criou uma obra que explora os conceitos de destino *versus* livre-arbítrio, liberdade pessoal, as lutas da vida e a possibilidade de o amor reinar vitorioso para todos.

Começando com um coral meditativo, a música e o texto levam o público para uma viagem a um labirinto de estados de espírito e atmosferas, e a um vasto conjunto de estilos musicais. O título V representa três ideias na composição:

1. V é uma referência ao numeral romano para 5, o número da sinfonia de Beethoven;
2. V em Código Morse é ... _ (a famosa frase de abertura da sinfonia);
3. V é de Vitória — nesta composição, a vitória do próprio amor.

PAUL GRIFFITHS, 2023

Ludwig van Beethoven

BONA, 16 DE DEZEMBRO DE 1770

VIENA, 26 DE MARÇO DE 1827

Sinfonia n.º 5 em Dó menor, op. 67

A Sinfonia n.º 5 em Dó menor de Ludwig van Beethoven, composta entre 1804 e 1808, é uma das obras mais populares e conhecidas da história da música erudita ocidental. Dedicada ao príncipe Lobkowitz e ao conde Razumovsky, segundo a inscrição no frontispício da primeira edição, em Abril de 1809, a obra viu a sua primeira apresentação em Viena, no Theater an der Wien, a 22 de Dezembro de 1808. O concerto da estreia, dirigido pelo próprio compositor, revelou alguns problemas dada a escassez de ensaios da orquestra e o programa excessivamente longo (que incluía ainda a Sexta Sinfonia, a ária “Ah! Perfido”, grande parte da Missa em Dó, o Quarto Concerto para piano, a Fantasia para piano, a Fantasia Coral). Não houve relatos de grande entusiasmo crítico. Apenas um ano e meio depois, num concerto posterior, o crítico, compositor e novelista E. T. A. Hoffman descrevia a Sinfonia n.º 5 de Beethoven como “uma das mais importantes obras do seu tempo”, no importante periódico musical da época *Allgemeine Musikalische Zeitung*. Rapidamente a sinfonia se tornava um ícone da música clássica, pela sua força emotiva e pelo seu brilhantismo técnico, revelando-se um marco para os sinfonistas das gerações seguintes, como Brahms, Bruckner, Tchaikovsky ou Mahler.

Planeada para ser composta como uma sequência à Sinfonia n.º 3, “Heróica”, a Quinta Sinfonia seria sucessivamente interrompida para dar lugar à composição de outras obras, entre as quais a primeira versão de *Fidelio*, a sonata para piano “Appassionata”, os quartetos

“Razumovsky”, o Concerto para violino, o Quarto Concerto para piano e, inesperadamente, a Sinfonia n.º 4. Finalmente, entre 1807 e 1808, enquanto escrevia a Quinta, Beethoven preparava simultaneamente a Sexta Sinfonia, “Pastoral”, que decidiu estrear no mesmo dia.

Escrita num momento pessoal em que a surdez se evidenciava cada vez mais e num contexto político marcado pelas Guerras Napoleónicas, pela instabilidade política na Áustria e pela ocupação de Viena pelo exército de Napoleão, em 1805, a Sinfonia n.º 5 simboliza o heroísmo individual; a ideia do génio criador que ultrapassa as adversidades através de um processo de luta, triunfando no final; as recentes evoluções e o pensamento da época: a crença no indivíduo patente na filosofia de Kant ou Rousseau, as possibilidades de liberdade pessoal e de elevação social preconizadas pelas Revoluções Francesa e Americana. A obra caracteriza-se por uma grande ambiguidade e tensão, como o metaforiza a luta para quebrar harmonicamente com a tonalidade de Dó menor, em que a obra assenta, numa dialéctica de passagem para o brilhantismo do Dó maior, em que vai por fim terminar (como que uma passagem da escuridão para a luz). A “Heróica”, apresentada cerca de quatro anos antes, havia revelado um novo conceito da sinfonia ao nível da intensidade, da capacidade expressiva, das dimensões. Depois da inesperada Quarta, de carácter lírico, Beethoven regressa ao dramatismo e, de alguma forma, ao conceito de “heróico”, no fundo através da ideia dialéctica da vitória através da luta, que acabou por ser um padrão em muitas das sinfonias compostas a partir de então.

A reutilização da famosa frase rítmico-melódica (sol-sol-sol-mi bemol, fá-fá-fá-ré, o mitificado bater à porta do Destino, segundo o secretário de Beethoven, Anton Schindler, teria

testemunhado) insistentemente no primeiro andamento e de forma sub-reptícia por toda a sinfonia; a passagem directa, sem interrupções e de modo algo dramático do terceiro para o quarto andamento; e a reminiscência dos materiais do *scherzo* no *finale* dão um carácter unificado à sinfonia, numa atitude que adivinha as inovações e revoluções formais ao nível do género sinfónico que poderemos observar no período romântico.

A Sinfonia estrutura-se em quatro andamentos: o primeiro, em forma sonata, trata-se de um “Allegro con brio” que abre com o conhecido motivo de quatro notas desenvolvido em sucessivas imitações e variações ao qual se segue o segundo tema, em Mi bemol maior, de carácter mais lírico. A secção de desenvolvimento recorre a modulações e esquemas imitativos e antecede a recapitulação que dá lugar a uma longa *coda*. O “Andante con moto” é um andamento de carácter lírico, em forma de dupla variação, em que variações de dois temas são apresentadas em alternância. O terceiro andamento, “Allegro”, de influência mozartiana e de cariz contrapontístico, apoia-se numa forma ternária em que secções de *scherzo* se opõem ao carácter das secções de trio. O *finale*, andamento “Allegro” de carácter triunfante, tem início a seguir ao *scherzo*, mas sem interrupção. Assenta numa forma sonata com algumas modificações, em que materiais do andamento anterior são introduzidos entre o final do desenvolvimento e da recapitulação. A longa *coda* com que termina o andamento recupera os temas principais da secção e termina com 29 compassos de acordes de Dó maior, em *fortissimo*.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2008

Pete Letanka direcção musical

Pete Letanka é um pianista de jazz, compositor, mentor de *workshops* e apresentador. Estudou jazz e música contemporânea no Leeds College of Music, onde ganhou uma bolsa (enquanto vencedor do Concurso Internacional de Piano Jazz Thelonious Monk) para estudar um ano com Mark Polishook na Universidade do Maine, nos Estados Unidos da América. Formou-se em 1997 com distinção e o prémio Leeds University Armes.

Em 2005, formou o Pete Letanka Trio, com apresentações regulares nos principais palcos do Reino Unido, incluindo Ronnie Scotts, Purcell Room e Queen Elizabeth Hall. No mesmo ano, assinou contrato com a Zephyr Records, que lançou o seu disco de estreia, *Afrostocracy*.

O seu trabalho enquanto compositor levou-o a colaborações com a Jazz at Lincoln Centre, a Royal Opera House, a English National Opera, a Filarmónica de Londres, a BBC Concert Orchestra e a National Youth Jazz Orchestra. Trabalhou em escolas, prisões, salas de ópera e galerias de arte por todo o Reino Unido, inspirando jovens vulneráveis a encontrar uma nova confiança através da composição e da improvisação. Liderou projectos interdisciplinares na África do Sul, na Índia, no Líbano, em Espanha e em Portugal. Foi director musical da Glyndebourne Youth Opera e director artístico do Aldeburgh Music's Group A.

Entre as encomendas de composições que recebeu, incluem-se a ópera *The Nose* para a Royal Opera House's Youth Opera Company, *Hope and Glory* para o programa Music For Youth Proms no Royal Albert Hall, *Dreams of New York* interpretado por Julian Ovenden e a Pasadena Pops na Califórnia, e o documentário *Stanley Kubrick — a life in pictures* (Warner Bros.).

Paul Griffiths direcção musical

Paul Griffiths é um pedagogo musical reconhecido internacionalmente. As suas raízes estão no jazz, no funk e no rock, mas, ao longo das últimas quatro décadas, desenvolveu uma voz artística única e um estilo inspirador em *workshops* que transcendem barreiras musicais, sociais e culturais. Os seus projectos baseiam-se nos princípios da criatividade e da colaboração, acesso e inclusão.

Liderou projectos criativos com a maioria das orquestras, ensembles de música contemporânea, companhias de ópera, centros de artes, festivais e conservatórios preeminentes do Reino Unido. Ensina na Guildhall School of Music desde 1990, em mestrados, pós-graduações e licenciaturas, e principalmente no aclamado projecto GSMD-Barbican-Connect.

Em associação com várias organizações internacionais, produziu obras musicais colaborativas em comunidades um pouco por todo o mundo, incluindo projectos na Islândia, Noruega, Irlanda, França, Bélgica, Países Baixos, Espanha, Portugal, Itália, Grécia, Croácia, Chipre, Tanzânia, Quênia, República Democrática do Congo, Palestina, Israel, Emirados Árabes Unidos, Bangladesh, Afeganistão, Cazaquistão, Uzbequistão, Hong Kong, Singapura, China, Austrália e Estados Unidos da América.

Trabalhou em parceria com uma vasta gama de artistas e ensembles do Reino Unido e internacionais, incluindo Mark Anthony Turnage, Tan Dun, Alim Qasimov Ensemble, Robert Glasper, Shabaka Hutchings, Gretchen Parlato, Nitin Sawhney, Jerry Dammers, N'Faly Kouyate, Viktoria Mullova, Julian Joseph, Denys Baptiste, Christian Lindberg, Tunde Jegede, Ensemble Modern, Steve Martland, Jef Neve e Jazz at Lincoln Centre Orchestra.

Dmitri Sinkovsky direcção musical

Dmitry Sinkovsky possui uma rara combinação entre virtuosismo russo e *cantabilità* italiana. Maestro, violinista e contratenor, conjuga as três disciplinas com uma profunda consciência musical, uma energia sem limites e uma impressionante técnica. O resultado são actuações que cativam públicos de todo o mundo.

Vencedor dos principais prémios europeus de violino (Internationaler Telemann Wettbewerf Magdeburg e Musica Antiqua Brugge, entre outros), Sinkovsky começou cedo uma brilhante carreira internacional como solista e concertino dos mais conceituados ensembles de instrumentos de época, como o Il Giardino Armonico, a Accademia Bizantina, Il Pomo d'Oro e B'Rock. O seu percurso como maestro teve início em 2012, enquanto convidado de Joyce DiDonato na aclamada digressão de *Drama Queens*. Em 2018, foi maestro residente da Sinfónica de Seattle. Também nos EUA, colabora regularmente com a Sinfónica de Detroit.

Do trabalho recente, destaque para os convites enquanto maestro e solista com a Sinfónica de Detroit, a Orquestra da Rádio de Budapeste, a Sinfónica Nacional de Dublin, a Sinfónica de Atlanta e a Orquestra de Câmara Escocesa. Participou em *Orestes* de Händel, na Sala Zaryadye de Moscovo, e num concerto encenado de *L'Orfeo de Porpora*, no Theater an der Wien. Fez digressões com a B'Rock e a Orquestra Barroca de Helsínquia, e concertos com o La Voce Strumentale Ensemble, Dorothee Oberlinger e Luca Pianca.

Na presente temporada, Dmitry Sinkovsky dirige pela primeira vez na Ópera de Zurique (*L'Eliogabalo* de Cavalli, com encenação de Calixto Bieito). Em 2023 regressa a Detroit e tem estreia marcada com a St. Paul Chamber Orchestra. Volta à Casa da Música no Porto

para dirigir a Sinfonia n.º 5 de Beethoven. Dos seus planos futuros fazem parte uma primeira experiência com a Ópera Grand Avignon, para dirigir *Boris Godunov*, e digressões com a Orquestra de Câmara de Estugarda e a Orquestra Barroca de Helsínquia.

Em Fevereiro de 2022, Sinkovsky foi nomeado maestro titular da Ópera de Nizhny Novgorod, onde dirigiu uma nova produção de *Orfeo ed Euridice*, de Gluck, e reposições das óperas *A Dama de Espadas*, *Evgeny Onegin*, *O Barbeiro de Sevilha* e *La Traviata*. Nesta temporada, sob a sua batuta, é apresentada uma nova produção de *Carmen*, bem como concertos sinfónicos e galas operáticas. Na próxima temporada, dirige duas novas produções: *The Love of d'Artagnan* de Mieczysław Weinberg e *O Rapto do Serralho* de Mozart.

Dmitry Sinkovsky é ainda um afamado contratenor. Cantou *Stabat Mater* de Pergolesi em Lucerna, *Lucio Silla* (papel principal) de Händel em Göttingen, *Messias* (maestro e alto) em Seattle e *Il trionfo del Tempo e del Disinganno* (maestro e Disinganno) em Moscovo.

Em 2011, fundou o ensemble La Voce Strumentale, com o qual gravou três álbuns: *As Quatro Estações* de Vivaldi (Naïve, 2015), *Bach in Black* (Naïve, 2017) e *Songs & Poems* (Glossa, 2021). Entre os seus muitos registos discográficos, *Vivaldi's Concerti per violino V Per Pisendel* e *Il Virtuosissimo* (Naïve) foram distinguidos com o Diapason d'Or. Em 2023, a Pentatone editou *Water & Fire*, o primeiro CD de Sinkovsky ao lado da B'Rock, com obras de Händel.

É professor no Conservatório Estatal de Moscovo e director artístico do Festival Orlando Furioso em Dubrovnik. É formado em violino (Conservatório Estatal de Moscovo, Alexander Kirov), direcção coral (Academia de Música de Zagreb, Tomislav Fačini) e direcção de orquestra (isdaT Toulouse, Sabrie Bekirova).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

17.º Curso de Formação de Animadores Musicais

Ana Luísa Matos
Beatriz Direito
Carla Castelhana
Carla Quelhas
Dalila Teixeira
Daniel Almeida
David Dias
Fátima Neto
Gabriel Moreira
Iolanda Gonçalves
João Pereira
Leonardo Carvalho
Margarida Vieira
Maria João Leite
Mariana Pinto
Miguel Teixeira
Raquel de Lima
Regina Coelho
Susana Baldaque

Projecto Reviver

(Câmara Municipal de Matosinhos e
Unidade Local de Saúde de Matosinhos)

Albina Alda Grave
Ana Paula Tato
Delmina Rocha
Elisa Miranda
Ilda Ferreira
Isabel Adriano
Bira Pinheiro
Maria do Carmo Barros
Maria José Soares
Maria Rosa Rodrigues
Sílvia Rocha
Vitor Silva
Sónia Carvalho

Centro Comunitário de Vermoim/Sobreiro

(Santa Casa da Misericórdia da Maia)

António Sá
Arminda Oliveira
Beatriz Moreira
Célia Ferreira
Daniela Ferreira
Domingos Vasconcelos
Fernanda Carvalho
Ilídio Cruz
Joaquim Gomes
Maria Antonieta Martins
Maria de Fátima Junqueiro
Maria José Teixeira
Maria Luísa Moreira
Maria Lurdes Cunha
Regina Ferreira
Susana Gonçalves

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Roumiana Badeva
José Despujols
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Alan Guimarães
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Diogo Coelho*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Jean-Loup Lecomte
Rita Barreto*
Francisco Moreira
Teresa Fleming*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Burak Özkan*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*

Clarinete

Luís Silva
João Moreira

Fagote

Nathaniel Harrison*
Vasily Suprunov
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Severo Martinez
Diogo Taveira Silva*

Tímpanos

Jean-François Lézé

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

